

## Prosperidade através da competição

Paulo Guedes

“A velha ordem embutia de um lado uma fina camada superior capaz de adquirir tudo, e de outro lado uma imensa camada inferior praticamente sem poder de compra. Meu objetivo era criar uma estrutura econômica capaz de levar esta camada inferior em direção à prosperidade (...)” – Ludwig Erhard em “Prosperidade através da Competição”, 1958.

O Jovem economista Gustavo Franco capturou merecidamente a atenção do Presidente Fernando Henrique com seu artigo. Provocativo, ele denuncia a velha ordem protecionista e defende a abertura frente à globalização como instrumento deflagrador de um círculo virtuoso de aumento de produtividade e absorção de tecnologia capaz de produzir crescimento econômico com distribuição de renda.

A instabilidade macroeconômica dos anos 80 e o anacronismo das políticas comercial e industrial herdadas dos anos 70 mantiveram o país à margem da globalização.

Ao suprimir a competição e os incentivos de mercado à busca de eficiência, o modelo autárquico de substituição de importações produziu declínio na taxa de crescimento da produtividade e acentuou a concentração de renda. Para reduzir os diferenciais de renda (internacionais e inter-regionais) teríamos que acelerar o crescimento da produtividade do trabalho através da abertura.

O esgotamento do velho modelo resultou na quase estagnação da produtividade durante a década perdida, enquanto a produtividade de trabalho crescia acima de 40% nos EUA, em torno de 25% na Alemanha e entre 20% e 100% em diversos setores industriais no Japão.

As empresas transnacionais, responsáveis direta e indiretamente por dois terços do comércio mundial, expandiram os fluxos de importação, exportação e investimentos diretos com aportes de novas tecnologias, substituindo as estatais, cujos investimentos impulsionavam o velho modelo nacional-estatizante em espúria busca de auto-suficiência.

O diretor do BC está correto em afirmar que o eixo do crescimento se desloca agora da poupança forçada (imposto inflacionário e fundos compulsórios) e dos investimentos das estatais para a poupança privada voluntária e os investimentos privados. Está também correto no tratamento da “defasagem bananal”, quero dizer, da questão cambial: a mudança de regime macroeconômico (a ser ratificada por avanços na área fiscal) legitima um déficit da ordem de 3% em transações correntes preferencialmente financiado por investimentos diretos (basta acelerar as privatizações e a desregulamentação). Também aponta corretamente na direção de que o Governo deva ser avaliado pela capacidade de produzir um ambiente macro que lubrifique a dinâmica do desenvolvimento e a consecução de elevado nível de bem-estar pela população em geral, e não por “planos de metas” específicos.

Mas é evidente que, além dos investimentos das transnacionais, a formação de poupança interna (reforma da Previdência) e o investimento público em capital humano (saúde e educação) são fundamentais ao desenvolvimento.

Se o presidente gostou do artigo de Franco, sugiro-lhe uma leitura cuidadosa do livro de Ludwig Erhard, o liberal responsável pelo milagre alemão do pós-guerra. O presidente devia distribuir o livro em seu próprio partido para não tropeçar em seus próprios pés nas votações do Congresso. Recomendo-lhe ainda a leitura do "*German neo-liberals and the social market economy*", editado por Alan Peacock e Hans Willgeredt, St. Martin's Press, N.Y.

Por que a leitura adicional? Porque se Franco pecou em seu artigo foi pela pouca abrangência na crítica à velha ordem que estamos tentando superar. O que significa que, embora Gustavo Franco caminhe sobre um vetor da modernidade, o da abertura econômica, boa parte do Governo anda devagar demais na nova ordem que os austríacos Popper e Hayek denominavam de "a grande sociedade aberta". Democracia, moeda forte, economia de mercado e ação social descentralizada do Estado são os ingredientes básicos desta nova ordem capaz de produzir desenvolvimento econômico e social.

Se o presidente se dispuser a escutar com mais frequência o desassombrado Gustavo Franco e enriquecer sua lista de leitura, superando preconceitos advindos de sua formação de sociólogo da Sorbonne, acredito que uma reeleição só baste. Lamentavelmente, no ritmo atual das mudanças, teríamos que reelegê-lo pelo menos duas vezes para chegarmos lá.

*Paulo Guedes é diretor do Banco Pactual e Professor do IBMEC.*